



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DISCIPLINA : ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVO CONTÁBEIS 2
PROFESSOR: HEBER LAVOR MOREIRA
ALUNO: WALDINEI FURTADO DA COSTA 0001008201
DATA: 01/09/2003

***O ENDIVIDAMENTO E SEUS REFLEXOS NO DESEQUILIBRIO
ECONOMICO E FINANCEIROS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS***

***Endividamento e seus reflexos no desequilíbrio econômico e financeiro
das empresas brasileiras :***

Agosto de 2003

Área: Finanças
Aluno: Waldinei Furtado da Costa 0001008201
Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo busca evidenciar a relação existente entre o nível de endividamento das empresas brasileiras e sua contribuição para o desequilíbrio econômico e financeiro principalmente no período após o plano Real. O objetivo da pesquisa é apontar quais os principais causadores do alto grau de endividamento das empresas nacionais e suas conseqüências no processo de continuidade das relações de produção.

O artigo está dividido em três partes , sendo a primeira referente a uma estatística sobre o crescimento do endividamento no Brasil e a relação com as financiadoras. A segunda parte mostra um estudo sobre os índices de endividamento e seus reflexos e a terceira parte direciona as conseqüências do endividamento para a as 500 maiores empresas do Brasil.

Introdução

O desequilíbrio econômico e financeiro ocorre principalmente quando as empresas apresentam dificuldades no sentido de afirmação no mercado (principalmente as empresas de capital aberto) e apresenta em termos de Brasil como principal causador, a falta de capital de giro próprio para o financiamento do alto grau de dívida que a das aplicações no ativo, oriunda empresa nacional vem contraindo nos últimos anos . Toda empresa sofre na sua gestão , problemas provocados por diversos fatores conjunturais ,os quais exigem do administrador , boa capacidade de trabalho , experiência e sobretudo boa visão de análise para suplantá-los.

O desequilíbrio econômico e financeiro ocorre quando o volume de operações da empresa passa a ser tão grande que torna-se desproporcional ao seu capital de giro. Para o desequilíbrio econômico e financeiro não se concretizar é necessário que haja um tratamento rigoroso no sentido de controlar os endividamentos e tentar sanar os compromissos já assumidos perante terceiros.

Neste artigo serão evidenciados quais os motivos do endividamento da empresa Brasileira me geral e quais as conseqüências e contribuições para o enquadramento no processo do desequilíbrio econômico e financeiro, que é conhecido pelos norte americanos como Overtrading .

1 .ENDIVIDAMENTO VEM CRESCENDO NO BRASIL

O nível de endividamento das empresas de capital aberto no Brasil saltou de 71% em1994 para 186% no primeiro semestre de 2003 ,igual crescimento também

costa no nível de endividamento dessas empresas junto aos bancos, que subiu de 15% para 75%, no mesmo período. São os maiores índices registrados desde a implantação do plano Real, oriundos principalmente da falta de capital de giro próprio das empresas, o que por conseguinte faz com que recorram a empréstimos bancários, desencadeando o aumento das despesas dessas organizações. Em se tratando apenas das despesas financeiras houve um crescimento elevado, saltando de 5% em 1994 para 31% em 2003 com altas taxas de juros, ocasionando desestabilização para as empresas, uma vez que 1/3 de suas receitas estavam comprometidas como pagamento dessas despesas.

Outro fator alarmante e conseqüente do endividamento, diz respeito à rentabilidade patrimonial das empresas nacionais, que foi diminuindo gradualmente após a implantação do plano Real caindo de 5% em 94 para menos de 0% no primeiro semestre desse ano. A empresa nacional vem sofrendo um processo de “estrangulamento” em razão das elevadas taxas de juros, em outras palavras isso quer dizer que a política de manutenção das altas taxas de juros acaba inviabilizando a atividade empresarial no país. Podemos ter como comprovação da má situação das empresas nacionais frente as taxas de juros, o crescente número de falências decretadas no estado de São Paulo que quase triplicou nos últimos cinco anos de 538 em 94 para 1600 neste ano.

Para o professor Matias (artigo publicado em 2003 sobre o assunto) as empresas brasileiras estão atravessando um período muito difícil. “Se por um lado precisam reduzir despesas, por outro lado necessitam se tornar competitivas e isso, muitas vezes, requer um aumento das despesas,” declara. Com as atuais taxas de juros, as empresas ficam acuadas se manter, principalmente por causa da inexistência de recursos para investimentos a longo prazo, uma empresa de grande porte paga em média 45% de taxa de juros por ano. “não há como recuperar um investimento como esse apenas da atividade da empresa”, exemplifica Matias. Ele ainda ressalta que até o final deste ano o país deverá pagar mais de 80 bilhões de juros, esse é um valor imaginável. É necessário uma queda nas taxas de juros senão as empresas continuarão com dificuldades, o que conseqüentemente acabará atingindo os cofres da união por que essa política de juros prejudica até mesmo o governo.

2 Quantidade da dívida, (Alta, Razoável, Baixa)

Sabe-se que o ativo (aplicação de recursos) é financiado por capitais de terceiros (passivo circulante + exigível a longo prazo) e por capitais próprios (patrimônio líquido), portanto capitais de terceiros e capitais próprios são fontes de recursos. Os indicadores de endividamento nos informam se a empresa se utiliza mais de recursos de terceiros ou de recursos de proprietários, saberemos também se a empresa terá seus vencimentos em maior parte a curto prazo (circulante) ou a longo prazo (exigível a longo prazo) . Como já colocado anteriormente nos últimos anos tem sido crescente o endividamento das empresas brasileiras .

De acordo com Kanitz , em 1973 no artigo “Melhores e Maiores” publicado pela revista Exame , o capital de terceiros para utilizado para financiar o ativo era de aproximadamente 30% (70% eram capital próprio) .em menos de 10 anos a situação quase se inverteu : a empresa Brasileira utilizava mais de 57% de capital de terceiros para constituir seu ativo(43% eram de capitais próprios) . Todavia nos finais de 80 o patrimônio líquido cresceu chegando próximo de 60% , reduzindo a dívida em virtude do seu alto custo, porém com o advento do plano Real a situação voltou a ficar delicada para as empresas, como já evidenciado anteriormente. Não há dúvidas de que em tempos de inflação é mais apetitoso trabalhar com capitais de terceiros do que com capitais próprios . Essa tendência é acentuada quando a maior parte do capital de terceiros é composta de exigíveis não onerosos , isto é exigíveis que não geram encargos financeiros explicitamente para a empresa(não há juros :fornecedores , impostos, encargos sociais a pagar etc...). Por outro lado , uma participação de terceiros exagerada em relação ao capital próprio torna a empresa vulnerável no sentido do mercado, além das instituições financeiras não disponibilizarem com facilidade empréstimos e financiamentos para empresas nesse tipo de situação.

Todavia ressaltamos também que o endividamento das empresas nos países desenvolvidos é alto , chegando a 60% (40% de capital próprio). Isso se deve à necessidade de renovação do ativo para torná-lo mais competitivo , pois assim só recursos próprios não são suficientes para atender as necessidades dessa renovação.

Resumindo : No Brasil: alto endividamento = taxas de juros elevadas = ciclo vicioso

Nos países desenvolvidos : alto endividamento = tornar a empresa mais competitiva

Obs.: Esse esboço não generaliza todas as empresas nacionais e principalmente não afirma que as empresas dos países desenvolvidos não se enquadram por vezes no ciclo vicioso das altas de juros.

do seguinte indicador:

- Empresas que recorrem a dívidas como um complemento dos capitais próprios para realizar aplicações produtivas em seu ativo (ampliação , expansão, modernização etc...). Esse endividamento é sadio , mesmo que seja um tanto elevado , pois as aplicações produtivas deverão gerar recursos para saldar o compromisso assumido.

- Empresas que recorrem a dívidas para pagar outras dívidas que estão vencendo . Por não gerarem recursos para saldar seus compromissos , elas recorrem a empréstimos sucessivos , permanecendo esse ciclo vicioso , a empresa passa a ser séria candidata à insolvência e conseqüentemente à falência.

3 Qualidade da dívida : (Boa , Razoável, Ruim).

A análise da composição do endividamento também é bastante significativa;

- Endividamento a curto prazo , normalmente é utilizado para financiar o ativo circulante.

- Endividamento a longo prazo, normalmente utilizado para financiar o ativo permanente.

A proporção favorável seria a maior participação de dívidas a longo prazo , propiciando a empresa tempo maior para gerar recursos que saldarão os compromissos. Expansão e modernização devem ser financiadas com recursos a longo prazo e não pelo passivo circulante, pois os recursos gerados pela expansão e modernização virão a longo prazo.

Se a composição do endividamento apresentar significativa concentração no passivo circulante (Curto Prazo) , a empresa poderá ter reais dificuldades num momento de reversão do mercado (o que não aconteceria se as dívidas estivessem concentradas no longo prazo). Na crise , ela terá poucas alternativas : vender seus

estoques na base de uma liquidação forçada (a qualquer preço) , assumir novas dívidas a curto prazo que , certamente terão juros altos , o que aumentará as despesas financeiras.

Se a concentração fosse a longo prazo , a empresa , num momento de dificuldades teria mais tempo para replanejar sua situação , sem necessidade de desfazer-se dos estoques a qualquer preço.

Empréstimos e financiamentos a curto prazo são mais onerosos do que a longo prazo. Quando uma empresa tem dívida concentrada no curto prazo , principalmente formada por empréstimos e financiamentos , certamente a qualidade da dívida não é boa . Entretanto , quando há equilíbrio entre curto e longo prazo a qualidade melhora em virtude do tempo para quitar as obrigações ser mais adequado quando se estabilizam os prazos médios de pagamento das dívidas.

Alguns Indicadores do Endividamento

Participação de terceiros sobre recursos totais (Quantidade)

Capital de terceiros / capital de terceiros + capital próprio

Ou , Exigível total / exigível total + PL

| 2001 | | | 2002 | | |
|---------------|------|-----|---------------|------|-----|
| 440.000 | 0,56 | 56% | 430.000 | 0,52 | 52% |
| <hr/> 790.000 | | | <hr/> 830.000 | | |

Exemplo: Casa do tecido:

56% dos recursos totais originam-se de capitais de terceiros em 2001, sendo que em 2002 houve um pequeno decréscimo para 52%, . Com esses valores encontrados pode-se dizer que o endividamento dessa empresa ainda é equilibrado , ficando praticamente meio a meio entre capital de terceiros e capital próprio.

Garantia do Capital Próprio ao capital de Terceiros:

Capital Próprio / Capital de Terceiros,

Ou seja: *PL / Exigível Total*

| 2001 | | | 2002 | | |
|----------------|------|-------|----------------|------|-------|
| 350.000 | 0,80 | Para1 | 400.000 | 0,93 | Para1 |
| <u>440.000</u> | | | <u>430.000</u> | | |

Exemplo: Casa do tecido

Para cada \$ 1 Real de capital de terceiros só há \$ 0,80 de capital Próprio como garantia no ano de 2001, já no ano de 2002 essa garantia passou para 0,93 para cada \$ 1 Real de dívida.

Composição do Endividamento (Qualidade)

Passivo circulante / Capital de Terceiros

Ou seja, *Passivo Circulante/ exigível total*

| 2001 | | | 2002 | | |
|----------------|------|-----|----------------|------|-----|
| 340.000 | 0,77 | 77% | 280.000 | 0,65 | 65% |
| <u>440.000</u> | | | <u>430.000</u> | | |

Exemplo : Casa do tecido

A empresa opera mais com dívidas a curto prazo , registrando em 2001 77% das dividas que vencerão a curto prazo, sendo que apesar da queda em 2002 para 65%, a situação ainda é desfavorável , prejudicando a liquidez da empresa e consequentemente a capacidade de pagamento das dívidas .

Qualidade X Quantidade da Dívida.

Faremos uma Comparação entre duas situações.

| Empresa A | | Empresa B | |
|---------------------|-----------------------|---------------------|---------------------|
| Ativo | Passivo | Ativo | Passivo |
| Circulante 4.200 | Circulante 3.100 | Circulante 4.200 | Circulante 4.000 |
| Permanente 5.800 | ELP 2.900 PL 4.000 | Permanente 5.800 | PL 6.000 |
| Total 10.000 | Total 10.000 | Total 10.000 | Total 10.000 |

A Empresa A tem um endividamento ($60\%=6.000/10.000$) alto para os padrões brasileiros , todavia no sentido de qualidade da dívida pode-se arriscar a dizer que é um bom perfil de endividamento, pois praticamente a metade da dívida está no longo prazo(menos oneroso e mais tempo para pagar)

Por outro lado a empresa B baixo ($40\%= 4.000/10.000$), porém de qualidade ruim pois ele todo vai vencer rapidamente e, havendo financiamentos de instituições financeiras , seria ainda mais dispendioso.

A situação financeira da empresa A é mais tranqüila do que da empresa B no que concerne a qualidade da dívida , pois a empresa A terá mais tempo para gerar recursos a fim de honrar com seus compromissos perante terceiros.

5 - O Endividamento e seu Reflexo nas 500 Maiores do Brasil

No ano de 2002 ,215 das 500 maiores empresas do Brasil fecharam no prejuízo, foi o segundo maior numero desde que a fundação Getúlio Vargas (FGV)começou a publicar o ranking das 500 maiores sociedades anônimas não financeiras , em 1970.O maior percentual já encontrado foi em 1979 quando 219 empresas (43,8%)fecharam no vermelho. No total em 2002 o prejuízo chegou a atingir a marca de 12,5 bilhões de Reais , em contradição ao resultado do ano anterior onde houve lucro de 23,6 bilhões de Reais.

O prejuízo acumulado do ano de 2002 influenciou na queda da rentabilidade do patrimônio líquido das 500 maiores empresas chegando a 2,76% , a segunda pior taxa desde o inicio do plano Real. Em 2000 as 500 maiores tiveram uma rentabilidade de sobre o patrimônio de 6,27% que baixou para 5,74% no ano seguinte .

Para os técnicos do instituto Brasileiro de economia (IBRE) da fundação Getúlio Vargas uma sucessão de fatores minou o resultado das empresas no ano passado. Só es saíram bem , e de uma forma discreta ,as empresas voltadas para exportação e as que se adequaram as turbulências de 2002, sabendo promover ajustes na hora oportuna e administrar as dívidas . Os fatores apontados como principais para o resultado insatisfatório das 500 maiores ; foram as incertezas quanto a sucessão presidencial , a instabilidade cambial , a explosão do risco Brasil , as ameaças de ataque ao Iraque e principalmente o alto grau de endividamento em virtude da crescente dos juros.

Outro recorde histórico foi batido no ano passado : o grau de endividamento 1,46 do patrimônio líquido , onde atingia a marca de 1,19 em 2001. Na média das 500 maiores empresas elas passaram a dever no final de 2002 o equivalente a 146%do seu patrimônio líquido .

Para ao técnicos do lbre “ isso poderia não ser tão preocupante , caso a economia estivesse passado por uma fase de crescimento , com juros baixos , câmbio menos instável e ,ainda , se as empresas estivessem se endividando para financiar a expansão da capacidade produtiva , o que não ocorreu”

Outro fator que mostra a deterioração dos resultados é o aumento do número de companhias com patrimônio negativo, pois indica que o capital que o capital aportado foi ,aos poucos sendo engolido por sucessivos prejuízos . No ano passado

31 empresas tiveram patrimônio negativo , 72% a mais que as 18 empresas no ano de 2001. Pouco da metade dessas empresas estavam em apenas três setores em 2002, sendo quatro no setor de transportes, seis no setor de eletricidade e seis no setor de telecomunicações.

Alguns setores conseguiram superar os cenários adversos influenciados por fatores que contribuíram ao longo do ano . O aumento dos preços do açúcar no mercado internacional levou as sete empresas do setor a faturarem 2 bilhões de Reais , 24,6% a mais do que no ano de 2001 , com a rentabilidade do patrimônio em torno dos 14,4%.

Segmentos voltados à exportação também conseguiram bons resultados , como o de extração mineral com 12 empresas cuja a maioria é controlada pela companhia Vale do Rio Doce (CVRD) . Essas empresas impulsionaram o nível da rentabilidade do patrimônio para 17,9% acima dos 13,5% de 2001 , enquanto o faturamento subiu 28%.

O setor de celulose foi outro que teve em desempenho no mínimo razoável . As 11 empresas do setor faturaram 11,3 bilhões de Reais , aumentando 54% em relação ao ano de 2001 onde o faturamento foi de 7,3 bilhões . No entanto, o aumento dos encargos financeiros anulou parte dos lucros com a rentabilidade baixando dos 6,7% em 2001 para 4,4% no ano de 2002, ou seja apesar do mantimento da situação favorável o endividamento continua atrapalhando as empresas Brasileiras e levando-as ao caminho do desequilíbrio econômico e financeiro.

Estudo de caso

Lucro virtual, dívida real.

O balanço da Bombril acusou um ganho de 230 milhões de reais. Só que esse dinheiro não foi recebido. Resultado: a empresa vem tendo inéditas dificuldades para saldar seus compromissos.

Os executivos da Bombril acumularam, nos últimos meses, uma tarefa extra: renegociar prazo de dívidas em atraso com fornecedores. É algo sem precedentes em tempos recentes na cinquentenária Bombril, dona de uma daquelas raras marcas que são sinônimo de produto. Controlada pelo empresário italiano Sérgio Cragnoti desde o início desta década, a Bombril faturou cerca de 400 milhões de dólares e lucrou 8 milhões em 1998, segundo melhores e maiores. Quase 40% dessa receita foi obtida com as vendas de tradicional esponja de aço.

O balanço publicado pela Bombril no primeiro semestre deste ano sugere um desempenho tão brilhante que, diante dele, causam estranheza as suas recentes atribuições. Ali está registrado um lucro líquido de 207 milhões de reais. Em tese, uma empresa com um lucro desses deveria estar com o cofre cheio para quitar dívidas pontualmente e fazer investimentos.

O que está acontecendo com a Bombril?

Para tentar entender, é preciso acompanhar as idas e vindas da estratégia de Cragnotti. Depois de trabalhar como executivo do grupo Ferruzzi no Brasil nos anos 70, ele criou a Cragnotti e Partners, um fundo de investimentos especializado em recuperar empresas e revende-las. Seu projeto atual é comandar uma grande multinacional de alimentos. Para tanto, comprou em 1994 a Círio, a maior fabricante de conservas alimentícias da Itália. No início de 1998, juntou a ela a Brasileira Peixe. Logo em seguida assumiu o controle da sul-africana Del Monte, do mesmo ramo. Hoje, seu grupo opera fábricas em 10 países, um faturamento de cerca de 2 bilhões de dólares anuais.

Em agosto, Cragnotti substituiu o então superintendente da Bombril Mauro Pinto e Silva pelo italiano Mário Rosso. Este permaneceu apenas duas semanas no posto. Durante uma reunião, acometido por uma crise alérgica, foi levado às pressas para o hospital. Por recomendação médica, Rosso regressou à Itália. Desde então o próprio Cragnotto vem controlando a empresa de Roma, onde mora. Viaja para São Paulo em períodos de 30 a 45 dias. Fluente em português, Cragnotti, em reuniões com seus executivos, determina as estratégias, mas delega a execução. Se o assunto em parte é relacionado às áreas comerciais ou industrial, ele se limita a aprovar ou recusar. “decide a jato”, diz um executivo, se a questão envolve sua praia, as finanças, Cragnotti desce às minúcias. O jeito Cragnotti de administrar também pressupõe escolher a dedo seus homens de confiança. “Ele é precavido”, diz um executivo do grupo.

Uma marca de Cagnotti é a sua habilidade em negócios que envolvem engenharia financeira. Frequentemente faz operações que causam polemica. Uma das mais recentes seta relacionada com os problemas da Bombril.

Em julho de 1997, Cagnotti transferira o centro de decisões de seus negócios para o Brasil. Como? Transformo a Bombril na controladora do grupo, fazendo-a adquirir, por 380 milhões de dólares a Círio. nessa condição, a Bombril começou a contrair empréstimos em dólar no exterior.

Com a crise financeira internacional, deflagrada logo a seguir, manter a sede aqui começou a revelar-se um mau negócio. Os créditos para financiar investimentos e saldar ou rolar dívidas ficaram escassos e caro para empresas sediadas em países emergente como o Brasil. No final de 1998, Cagnotti resolveu dar meia volta: revendeu a Círio, pelos mesmos 380 milhões de dólares, para uma outra empresa controlada para ele mesmo, com sede em Luxemburgo. ‘foi uma operação que o mercado chama de Zé com Zé: o vendedor e o comprador são, no fundo, a mesma pessoa’, diz o executivo de uma empresa de investimentos. A pergunta é como ficam os acionistas minoritários nesse tipo de operação. A CVM, órgão que fiscaliza as companhias de capital aberto, está investigando se houve prejuízo para os minoritários. “Os acionistas não sofreram perdas”, diz Edoardo Battista, diretor de relações com o mercado da Bombril. “ao contrário, se a Círio não fosse vendida, a Bombril teria um enorme prejuízo. Porque ficaria com uma dívida total de 580 milhões de dólares.”

A transação também justificaria os mais de 200 milhões de reais de lucro estampados no balanço da Bombril. Explica-se: a Círio foi vendida com pagamentos em quatro parcelas até o final de 2000. Duas já foram pagas. Faltam cerca de 220 milhões de dólares. O lucro no balanço corresponde basicamente à correção em reais dessas parcelas que a Bombril ainda tem a receber. “é um lucro que não entra no caixa”, diz Flavio Visnardi, diretor de planejamento e controle da empresa. “o dinheiro só vai entrar quando recebermos.”

A curta temporada como controladora do grupo de Cragnotti, por outro lado, também deixou como herança alguns papagaios. “ temos um endividamento da época em que a Bombril era holding e financiava o crescimento mundial do grupo”, diz Battista. Hoje, a diferença entre os passivos e os créditos da empresa é um buraco da ordem de 170 milhões de reais. O resultado é que o serviço dessa dívida tem deixado a empresa sem capital de giro. ‘ temos vencimento com bancos ao longo de todo mês e só recebemos pelas nossas vendas na última semana”, diz Battista. ‘ por isso nos últimos tempos, tivemos que jogar para a frente alguns pagamentos a fornecedores e prestadores de serviços”. Segundo ele, a situação já estaria perto de uma normalização: ‘ estamos tentando alongar o perfil de nossa dívida para a empresa voltar a ter capital de giro”. Apesar desse emaranhado financeiro, os executivos da Bombril asseguram que a empresa ainda é uma formidável geradora de caixa. ‘ descontados todos efeitos alheios a operação sobriam uns 35 milhões de reais no semestre”, diz Visnardi.

É claro que tudo teve um impacto na administração. ‘ o pessoal sempre andou de salto alto por lá”, diz um executivo que há anos acompanha a Bombril. Como toda empresa que há décadas lidera um mercado, ela cultivava uma certa arrogância. Nos últimos tempos, a Bombril vem se mostrando mais flexível nas negociações com os supermercados. Até porque há novos concorrentes desafiando sua hegemonia num mercado que não cresce e já nem existe em países avançados. A Arisco. Conhecida por sua estratégia de guerrilha no ponto de venda, entrou na parada com sua esponja de aço, a Assolan. (a esponja Bom Bril ainda detém a fatia do leão do mercado, com uma participação de quase 90%.) Num esforço para aumentar seu faturamento, a empresa vem diversificando. A estratégia é tentar transferir para novos produtos o prestígio da marca Bombril. Lançou só neste ano, duas dezenas de novos produtos, entre limpadores, esponjas sintéticas e desinfetantes.

Meses atrás foi deflagrado um processo de saneamento para aumentar a eficiência e eliminar custos. Para começar, as diretorias da Círio e da Bombril foram unificadas. Com isso, os executivos remanescentes tiveram de acumular funções. Todos foram incitados a gerir com lupa os seus orçamentos. Uma fábrica de sabão foi recentemente vendida gastos previstos para ampliar a capacidade industrial, adiadas. Também foram fechados dois centros de distribuição. Outra medida adotada foi apresentar a implantação do sap, um sistema para aprimorar a gestão operacional. A ideia é reduzir custos fixos e enxugar. Com isso, metade dos funcionários da área administrativa foi dispensada. Recentemente, a empresa comunicou ao São Paulo

futebol clube a decisão de não renovar o contrato do patrocínio do clube, que termina em julho de 2000. Deixara de pagar 350.000 dólares por mês para ter a marca círio exposta na camisa do tricolor paulista. Motivo alegado: o retorno do patrocínio não foi considerado satisfatório.

E o futuro?

“ meu negocio é investir e crescer”, tem dito Cragnotti aos executivos em meio as recentes turbulências. Aos poucos, eles estão aprendendo a conviver com as manobras financeiras do chefao. Ninguém duvida que ele esteja preparando mais lances de aquisições no Brasil para atingir seus objetivos. Seus executivos sabem que, se isso acontecer, novos apertos virão.”

6 Conclusão

O artigo procurou mostrar ao leitor as condições das empresas brasileiras no que se direciona ao índice de endividamento e suas conseqüências na relação com o desequilíbrio econômico e financeiro(Overtrading)

O endividamento é o fator determinante para se constatar o estado de saúde de uma instituição. No caso das empresas nacionais , verifica-se o problema da grande contração de empréstimos e financiamentos , principalmente para a quitação de dívidas pendentes , ou seja , o ciclo vicioso do aumento dos juros e conseqüentemente o crescimento das despesas financeiras no resultado da empresa.

Diversas são as causas que contribuem para a empresa enquadrar-se no desequilíbrio econômico e financeiro , uma das principais é aquela que é movida pelo espírito de ambição do empresário de querer apresentar ou desenvolver sua empresa para uma situação superior as suas reais possibilidades financeiras , elevando em níveis insustentáveis o crescimento da empresa , sem ter uma estrutura de capital sólida . a ambição que determina o sucesso de alguns , por outro lado também é responsável pelo fracasso de outros.

As empresas brasileiras vem atravessando momentos difíceis no contexto econômico-financeiro , por isso , faz-se necessário a redução imediata ,ou no mínimo a longo prazo das despesa financeiras , pois em média uma empresa de grande porte vem pagando 45% de juros ao ano. Os recursos para investimentos a longo prazo precisam ser mais almejados para compensar o volume das despesas. A preocupação com a competitividade é importante para todo empreendimento , contudo não pode ser associada a um novo volume de empréstimos para esse fim , pois com esse ciclo vicioso das despesa financeiras só quem vem ganhando são as instituições financeiras como os bancos comerciais por exemplo.

A empresa pode tentar fugir da situação do desequilíbrio econômico e financeiro tomando medidas como a procura de empréstimos e financiamentos com prazos mais adequados às reais condições de pagamentos evidenciados nos cálculos dos índices de liquidez das demonstrações contábeis, para isso é necessário ter um sistema de controle interno eficiente , principalmente na área dos custos e despesas e sua adequação ao produto comercializado , para depois alocar a maior parte dos investimentos no produto mais rentável e atrativo na visão do consumidor.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- MARION, José Carlos. Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial. 2º Ed., São Paulo: Atlas, 2002.
- _____ . Gazeta Mercantil. www.gazetamercantil.com.br , acesso em agosto 2003.
- LUCINDA,C e R.SAITO, 2001, “ O problema de informações entre credores e devedores e o papel dos bancos” Anais do 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Institucional, Campinas.
- _____ . Revista Exame. www.exame.com.br , acesso em maio 2002.